CFEPO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE ESCOLAS DO PORTO OCIDENTAL

Nº7- janeiro de 2026

Rumos a Oeste

https://cfepo.pt/

Ficha técnica:

Direção: Filomena Ventura
Coordenação editorial: Ana Mafalda Damião
Colaboradores: Adozinda Almeida, António Monteiro da Silva, Artur Afonso, Carla Almeida, Francisco Marques, Isabel Figueiroa, Isabel Sá Costa, Joana Marques, Luriana Kasaico, Mafalda Cunha, Maria de Fátima Azevedo, Maria Fernanda Viegas, Maria José Neves, Marina Costa e Sónia Azevedo
Número da edição: 7
Data da edição: janeiro de 2026
Periodicidade: Bianual

ÍNDICE

Editorial, por Filomena Ventura 1

Alunos que não falam Português - Acolher e Intervir, por Mafalda Cunha 4

A minha realidade do PLNM, por Artur Afonso 16

Entre fórmulas e palavras: os desafios do ensino e da aprendizagem das Ciências em contextos multiculturais, por Maria Fernanda Viegas 18

Incluir na Escola - edificar para a vida, por Francisco Marques 23

O Alfabeto da Integração: Ensinar Português a quem chega, por Adozinda Almeida 26

O Português Língua de Acolhimento: uma prática de integração linguística e cultural, por Maria de Fátima Azevedo 29

Vozes de quem se sente acolhido, testemunhos 35

Com um brilhozinho nos olhos, por António Monteiro da Silva 41

O Clube de Expressão Dramática e Teatro é um lugar de todos e para todos, por Isabel Figueiroa 46

Dia do Patrono, por Maria José Neves 52

Construir Pontes Que Nos Unem, por Carla Almeida e Joana Marques 55

Nós somos, Todos, em um só, por Luriana Kasaico 60

Trabalho Social na Escola, por Marina Costa 65

Ser Mediador Linguístico e Cultural, por Sónia Azevedo 67

AEIDH: Somos multiculturalidade, por Isabel Sá Costa 72

.

EDITORIAL

*SER PROFESSOR É MISSÃO
DE QUEM SE PERMITE
ESPANTAR, APRENDER E PARTILHAR
AO LONGO DA VIDA...*

Acolher para ensinar, ensinar para incluir

As escolas portuguesas são hoje espaços de encontro entre culturas, línguas e histórias de vida muito diversas. A cada ano chegam às salas de aula alunos que trazem consigo outras formas de dizer o mundo — crianças e jovens que ainda não falam português e que têm dentro de si uma imensa vontade de aprender, comunicar e pertencer, que se conjugará, por certo, com uma dor enorme da distância do seu local de origem ou da família que não os acompanhou, sobretudo quando chegam de regiões de guerra.

Acolher esses alunos é mais do que um gesto de boa vontade, é um dever ético e pedagógico. Implica criar condições reais para que todos possam aprender, participar e sentir-se parte integrante da comunidade educativa. Exige também que nós, docentes, sejamos mediadores linguísticos e culturais, capazes de adaptar estratégias, linguagens e metodologias a novos contextos.

Ensinar português como segunda língua, Português Língua não Materna, PLNM, ou Português Língua de Acolhimento, PLA, é uma tarefa que ultrapassa as fronteiras da língua, sobretudo em PLNM. É um trabalho coletivo, interdisciplinar, em que cada professor tem um papel essencial — desde o primeiro contacto com o aluno até à consolidação da sua trajetória escolar. Significa também reconhecer o valor do plurilinguismo, vendo nas línguas de origem um ponto de partida e não um obstáculo, para a aprendizagem.

Esta revista nasce dos desafios vividos nas Escolas e é impulsionada pela ação de curta duração realizada em setembro, *Alunos que não falam português - acolher bem para obter sucesso educativo*.

E também do desejo de partilhar práticas, reflexões e recursos que

ajudem a transformar o desafio da diversidade linguística numa oportunidade educativa. Aqui reunimos experiências de professores, técnicos e testemunhos de alunos, projetos inspiradores e ferramentas úteis para a intervenção pedagógica e integrativa junto de alunos que não falam português. Encerramos esta revista com o testemunho da diretora de uma das escolas associadas. A todos agradecemos a imensa generosidade da partilha.
Acolher é ensinar com humanidade, e cada palavra aprendida é uma ponte lançada para o futuro.
Pela força dos textos incluímos dois poemas, um de alguém que saiu de Portugal, José Postiga, e outro de alguém que chegou a Portugal, Shahd Wadi, que têm em comum a dor da ausência... do lugar, da família, do calor da terra, do cheiro do mar...

Filomena Ventura

O Mundo Cultural

No triturador coloquei
todos os livros,
os filmes,
as peças de teatro,
os concertos
e a arte desejada.
Sequei o resultado ao sol num local escuro
e cortei essa cultura em cubos assimétricos.
Tomo um comprimido por dia,
em jejum.
Agora, escorregam-me mundos pelas veias
e arroto poemas de vez em quando.

in Chuva de Jasmim
Shahd Wadi (poetisa palestiniana)
Editorial Caminho, Lisboa, 2025

Estação Primeira

Eis-me no desconhecido.
há o que encontro e o que deixei para trás,
nenhum é abstrato,
ambos impõem um corpo concreto dentro do meu
e começam a doer-me com a imensidade das dores prosaicas
para as quais não se desperdiça ciência.

A necessidade galga fronteiras.
E deste lado onde me encontro há uma rua que atravessa
a estação ferroviária e afunila longínqua no decote
de duas montanhas que amamentam o inverno.
Não há neve. Apenas a que a ansiedade inventa
ou os meus olhos acrescentam.

Um transeunte abeira-se do meu silêncio.
Parece-me ao que sou,
cinzelado, porém, com umas quantas diferenças genéticas,
talvez arquétipo de uma sociedade perfeita,
mas só até abrir a boca e revelar as farpas que alberga nas veias.
Voluntário, desidrata aos meus ouvidos
um cardápio de palavras estrangeiras,
duras, incomestíveis, tais quais precoces cerejas:

«Guten Tag, Herr! Brauchen Sie Hilfe?»
(«Bom dia, senhor! Precisa de ajuda?»)

Leigo, reflito:
Para quantas derrotas me faço estrangeiro?

in Caderno Íntimo de Ausência
José Alberto Postiga,
Coleção Comunidades Portuguesas, Lisboa, 2022

Alunos que não falam português - Acolher e intervir

Acolher com empatia

Diversidade é a palavra por excelência que caracteriza, neste momento, o Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas (AERF). Temos o privilégio de acolher estudantes de 42 nacionalidades diferentes, uma riqueza que nos enche de orgulho e que transforma o nosso dia a dia numa verdadeira celebração da multiculturalidade.
Sabemos que a chegada a um novo país, como Portugal, pode trazer desafios. A barreira da língua é, muitas vezes, o primeiro obstáculo a superar.

> ...acreditamos que, para lá das dificuldades iniciais, existem inúmeras potencialidades.

> Escutar é algo a que nos propomos desde o início...

No entanto, acreditamos que, para lá das dificuldades iniciais, existem inúmeras potencialidades.
A inclusão de todos os alunos na nossa escola é um exemplo claro disso.
No AERF estas crianças e jovens encontram uma escola inclusiva, que abre as portas e oferece as ferramentas para crescer, aprender e expressar emoções e opiniões. Todas as vozes são escutadas!

Escutar é algo a que nos propomos desde o início, porque é o começar de novo que torna este desafio tão complexo para todos: alunos, famílias, professores, técnicos e assistentes operacionais. Primeiro, há que incluir afetivamente. Só depois alcançaremos uma inclusão efetiva.
De facto, sempre que uma família chega ao nosso agrupamento de escolas a atuação é concertada, seguindo, desta forma, as orientações da tutela.

...a família é recebida por uma equipa que a acolherá, de forma a que perceba que a escola é um lugar seguro, inclusivo, que promoverá a equidade...

Confirmada a inscrição de um aluno, a família é recebida por uma equipa que a acolherá, de forma a que perceba que a escola é um lugar seguro, inclusivo, que promoverá a equidade e que trabalhará em função do sucesso do/a seu/sua filho/a. Professor/a titular de turma ou Diretor/a de turma, Professor/a de Português Língua Não Materna e Mediador/a Linguístico/a e Cultural explicam o funcionamento do sistema de ensino português, que fazem acompanhar de um Guião de Acolhimento ao Migrante. Neste encontro é aplicado um pequeno questionário oral ao aluno, para verificar se o seu nível de proficiência linguística é o Zero ou se é necessária a realização de um teste de proficiência para verificação do nível em que se encontra.

Neste encontro é aplicado um pequeno questionário oral ao aluno...

Paralelamente, a família é convidada a preencher a ficha sociolinguística (disponível em várias línguas), que nos fornecerá dados linguísticos, socioeconómicos, pedagógicos, entre outros, e que nos permitirá atuar em diversos campos, em articulação estreita com o Gabinete de Intervenção Social - Apoio ao Aluno e Família (GISAAF), com o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e com a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI), que acompanha e monitoriza todo o processo.

Integração do Português Língua Não Materna (PLNM) nas disciplinas e no currículo

Avaliado diagnosticamente o aluno, este é posicionado num nível de proficiência (Zero, A1, A2 ou B1) e inserido numa turma de PLNM, de acordo com o seu perfil. O AERF tem, atualmente, 11 turmas de PLNM divididas pelas suas 6 escolas, em que atuam 8 professoras. Estas turmas são, maioritariamente, grupos de trabalho em que os alunos se encontram num mesmo nível de proficiência. Apenas nos casos em que não existe um número mínimo de alunos para formar uma turma de nível (8 de nível Zero ou A1; 10 dos restantes níveis), a turma se assume como mista. É neste espaço que alunos na mesma condição de «afastados do seu país de origem» se encontram, também é aqui que

> ...é aqui que partilham experiências, que riem, que choram, que se espantam com as diferenças culturais e que se desinibem.

partilham experiências, que riem, que choram, que se espantam com as diferenças culturais e que se desinibem. É também aqui que se sentem mais acolhidos, que compreendem que a escola também é deles. São a escola. Sentem que a escola os deseja e que pretende vê-los crescer, evoluir, aprender português, respeitando cada diferença, cada singularidade, cada sensibilidade. Foi, neste sentido, que a mais recente legislação incluiu a possibilidade de os alunos de PLNM poderem reforçar competências no mesmo nível de proficiência, mesmo que tenham classificação positiva (o que pode acontecer uma vez num dos níveis de iniciação – A1 ou A2 – e uma vez no nível intermédio B1).

...partilham experiências, que riem, que choram, que se espantam com as diferenças culturais...

Metodologias e estratégias para diferentes níveis linguísticos

É, de facto, para todos um gigantesco desafio este de explorar aprendizagens essenciais em cérebros que pensam numa língua diferente, em corações inseguros que temem a reprovação alheia. São múltiplas as estratégias, são diversos os suportes, em tempos apropriados ao perfil linguístico e emocional de cada discente. Tem sido maravilhoso perceber como os professores são capazes de se adaptar, de articular, de se desdobrar para chegar e fazer chegar a todos. O professor de PLNM funciona como apoio/orientação, vínculo, na tentativa de encontrar o melhor caminho. Colaborantes, sempre, se mantêm os mediadores linguísticos e culturais, elementos imprescindíveis, muito próximos dos alunos e professores. São elementos que dentro e fora de sala de aula permitem que a barreira linguística se desvaneça, que a comunicação aconteça, enquanto as nuvens linguísticas ainda se mantêm escuras, enquanto o silêncio dentro de sala ainda é um desafio por superar.

A incrível capacidade de adaptação e a riqueza cultural que cada um traz consigo merecem ser amplamente partilhadas e valorizadas. Esse é também um papel da escola: não só dar a conhecer a língua e a cultura portuguesa, mas também mostrar que todos ganhamos com esta partilha e interação.

O professor de PLNM funciona como apoio/orientação, vínculo...

Avaliar com equidade: critérios, instrumentos e desafios

A cada chegada, uma série de questões se levantam. De onde vem? Que línguas fala? Se não fala português, falará inglês? Que línguas falam com ele? Como vamos comunicar?
Como se encontra emocionalmente? A família também vai aprender português? De facto, tantos e tantos fatores vão influenciar a aprendizagem do aluno recém-chegado.
No nível Zero ou num dos níveis de iniciação, cada professor se questiona o que fazer, que adaptações encetar, que experiências realizar, que caminho seguir.
A manutenção da língua materna, numa fase inicial, caso seja possível (por professores, pelo mediador linguístico, pelos colegas) é um primeiro passo para que o aluno se sinta confortável.

> É como ter um pouco da sua «casa» em morada alheia.

É como ter um pouco da sua «casa» em morada alheia.
Na ausência desta possibilidade ou paralelamente a ela, gestos, imagens, recursos digitais ou outros são válidos para que a conexão se estabeleça. O primeiro objetivo deve ser sempre o de estabelecer comunicação, para, depois, tentarmos compreender que fluência linguística e qual a capacidade de apreensão/compreensão o aluno detém. Não é fácil fazê-lo. Em disciplinas que não implicam a aprendizagem de uma língua, é necessário, frequentemente, recorrer a

uma língua que professor e aluno conheçam ou, não sendo possível, permitir ao aluno que use a sua língua, necessitando o professor de fazer uso de um tradutor ou da Inteligência Artificial para tirar as suas conclusões. O telemóvel pode, nestes casos, ser uma ferramenta poderosa. Obviamente, este é o primeiro passo de uma longa caminhada. Os próximos darão conta de um crescendo no domínio do português e de um «desmame» que pode ser lento, mas contínuo, de todas as estratégias e ferramentas que possam dispensar o esforço imprescindível para a aprendizagem de uma nova língua.

...este é o primeiro passo de uma longa caminhada.

Posto isto, como avaliar?...

... Todas estas condicionantes têm de ser ponderadas na hora de pensar e repensar a avaliação

Posto isto, como avaliar? - uma das questões que mais se coloca. O ano e o ciclo de ensino em que os alunos ingressam no sistema de ensino português são muito significativos para esta tomada de decisão. Entrar num ano de final de ciclo, em que a avaliação externa é uma realidade para alunos de nível Zero pode ser muito complexo. Os alunos recém--chegados e posicionados no 9.º ano, ano de avaliação externa, necessitam na avaliação do 3.º período, de estar em condições de transição, sem que o resultado das Provas Finais os condicione. Nestas condições os alunos podem ser dispensados daquelas

pelo/a Diretor/a, depois de consultado o Conselho Pedagógico. O mesmo já não acontece no Ensino Secundário, em que os alunos, independentemente do seu nível de proficiência linguística, têm de realizar Exames Nacionais, em que o português é a língua dominante, usufruindo apenas de dicionário bilingue (português-língua materna do aluno e vice-versa) e meia hora de tempo suplementar. É, neste caso, para muitos, frustrante a incapacidade de fazer face à barreira linguística, de equiparar o seu desempenho àquele que se verificava nos seus países de origem para entrar na universidade.

Todas estas condicionantes têm de ser ponderadas na hora de pensar e repensar a avaliação. São traçadas para todos medidas universais (diferenciação pedagógica, acomodações curriculares, enriquecimento curricular, intervenção com foco académico em pequenos grupos) e adaptações ao processo de avaliação, tentando cada professor encontrar estratégias para que o aluno seja capaz de adquirir as aprendizagens, em pé de igualdade com os restantes discentes.

Obviamente, outros fatores pesam: é ano de prova final/exame nacional? É uma disciplina sujeita a prova final/exame nacional? Que tipo de adaptações podem ser feitas?

Muito se fala num ano Zero, que poderia, efetivamente, trazer vantagens aos alunos.

... é ano de prova final/exame nacional? É uma disciplina sujeita a prova final/exame nacional? Que tipo de adaptações podem ser feitas?

De facto, a autonomia e a flexibilidade curricular permite às escolas adaptar o currículo às necessidades e especificidades de cada aluno. Contudo, há que pensar nas vantagens e desvantagens das medidas e avaliar qual será a mais eficaz. Efetivamente, estas crianças e jovens teriam a possibilidade de se concentrar intensamente na aquisição do português, sem a pressão imediata de acompanhar o currículo das outras disciplinas, o que poderia implicar, também, uma diminuição da frustração e da ansiedade sentidas na assimilação de aprendizagens de várias disciplinas numa língua que ainda não dominam. O aluno teria, ainda, mais tempo para se adaptar ao novo ambiente escolar, aos hábitos e à cultura local, o que poderia ser importante para o seu bem estar emocional.

Ao dominar a língua, o aluno poderia estar muito mais bem preparado para entender e ter sucesso nas restantes disciplinas quando iniciasse o currículo regular. Para além de PLNM, o aluno poderia frequentar as disciplinas de Educação Física, Educação Visual, entre outras, em que a componente prática assume um papel preponderante, de forma a contactar com os colegas e a criar laços. Porém, para além de as escolas não possuirem recursos humanos disponíveis para assegurar todas as horas necessárias a essa imersão linguística, os alunos estariam a perder a possibilidade de, em cada disciplina, contactarem com a língua, os conceitos, as diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, os diferentes professores com

diferentes personalidades e diferentes métodos. Embora o objetivo seja o domínio da língua, o aluno passa um ano a aprender a língua em vez de progredir nas outras disciplinas curriculares, o que pode ser percecionado como uma forma de "retenção" ou atraso, especialmente para alunos mais velhos. O aluno não adquire os conhecimentos específicos de outras áreas (Matemática, Ciências, entre outros) que os seus colegas do mesmo ano letivo estão a aprender, criando um fosso curricular que terá de ser superado mais tarde. Passar a maior parte do tempo em turmas separadas (apenas para PLNM) pode, paradoxalmente, levar a um certo isolamento dos colegas falantes nativos de português e reduzir a oportunidade de imersão linguística natural em contextos informais.

O aluno pode sentir-se segregado ou estigmatizado por não estar a acompanhar o mesmo percurso dos colegas, afetando a sua motivação e autoestima. Para alunos com bom nível de escolaridade no seu país de origem, mas sem português, a prioridade dada exclusivamente à língua pode ignorar e subvalorizar outras competências e talentos. São várias as opiniões, mas pesando os prós e os contras, a integração em todas as disciplinas (que os professores tornam, apesar de todas as dificuldades, progressiva e flexível), a par da frequência da disciplina de PLNM em turmas em que os alunos se encontram no mesmo nível de proficiência e de apoios que a escola possa disponibilizar a outras disciplinas, pode ser um bom caminho, para garantir

a capacitação e evitar um atraso curricular total. Esta é a opção que o AERF tem tomado, tentando melhorar a cada ano a sua atuação, de acordo com os constrangimentos sentidos. Durante este período de questionamento constante, vão surgindo opções para apoiar o processo de avaliação - privilegiar, inicialmente, instrumentos de avaliação formativa (portefólios, glossários, fichas de leitura, gravações audio e vídeo que o aluno possa fazer em casa), em que sejam valorizadas as aprendizagens realizadas, o empenho e o esforço conjugados.

...vão surgindo várias opções para apoiar o processo de avaliação: privilegiar, inicialmente, instrumentos de avaliação formativa...

... (portefólios, glossários, fichas de leitura, gravações audio e vídeo que o aluno possa fazer em casa)...

Mais do que atender a resultados quantitativos, há que envolver e cativar o aluno, ajudá-lo a trabalhar, permitir-lhe que mostre o que sabe e do que é capaz, fazê-lo sentir-se orgulhoso disso e, portanto, menos receoso de arriscar. Gradualmente, será possível aproximá-lo da avaliação aplicada aos restantes.
É para alunos e professores uma satisfação imensa ultrapassar, em conjunto, esta barreira enorme. A interação regular é valiosa. O português deve estar sempre presente, nem que embrenhado numa mescla de línguas e de gestos.

Criar murais de palavras/conceitos/ definições, em que a língua do aluno é também uma constante, em que todos são envolvidos e aprendem, é mais uma estratégia a utilizar. Os pares podem ser parceiros fundamentais dentro e fora da sala de aula. Estimular a curiosidade mútua (de alunos para com alunos) pode desencadear parcerias relevantes na aquisição da língua, no apoio ao estudo, à compreensão da dinâmica escolar, à socialização, entre outros). A fase de evolução linguística, habitualmente, é aquela que coincide com os momentos comunicativos mais naturais, do quotidiano.

Mafalda Cunha,
docente no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

A minha realidade do PLNM

Ser professor de Português Língua Não Materna é viver todos os dias o encontro entre culturas diferentes; é acompanhar diariamente o nascimento de novas vozes. Cada aluno que chega traz consigo uma língua, uma história e um mundo próprio. O meu papel não é apenas ensinar verbos ou explicar regras gramaticais: é ajudar esses jovens a encontrarem um espaço de comunicação dentro de uma sociedade que, muitas vezes, lhes é totalmente nova.

Descobri que aquilo que funciona melhor não são métodos complicados ou listas intermináveis de vocabulário. Os jovens chegam muitas vezes cheios de emoções contraditórias: vontade de comunicar, mas também medo de errar. Com eles, o que resulta é criar atividades ligadas à realidade deles — redes sociais, música, histórias pessoais, debates simples. Resulta mostrar que a língua lhes abre portas: amizades, oportunidades, identidade. Resulta a proximidade. Resultam as aulas em que os alunos se sentem seguros para errar, rir, perguntar. Resultam as atividades ligadas ao quotidiano: ir ao supermercado, pedir direções, falar com o médico ou com o patrão. Resulta mostrar-lhes que o português não é apenas um conjunto de regras, mas uma ferramenta viva que lhes

o que resulta é criar atividades ligadas à realidade deles — redes sociais, música, histórias pessoais, debates simples.

permite conquistar autonomia.

Aprendi, antes de mais, a ouvir; que cada língua tem uma música própria, e cada aluno carrega um ritmo diferente. Aprendi que ensinar PLNM é também aprender sobre culturas, valores e maneiras diferentes de ver o mundo. Aprendi paciência, porque o caminho da aprendizagem não é igual para todos e aprendi humildade: quando um aluno que mal conhecia o alfabeto consegue, pela primeira vez, dizer uma frase completa e verdadeira sobre si mesmo, percebo que qualquer pequeno progresso é uma vitória enorme.

Percebi, ao longo destes anos, que ensinar Português Língua Não Materna é, sobretudo, criar pontes: e que cada ponte construída é um passo significativo na integração, na confiança e no futuro das pessoas que nos procuram; construir pontes é ajudar cada aluno, cada criança, cada jovem a encontrar a sua voz em português.

Artur Afonso,
docente no Agrupamento de Escolas do Viso

Aprendi que ensinar PLNM é também aprender sobre culturas, valores e maneiras diferentes de ver o mundo.

Aprendi... paciência... humildade... criar pontes... confiança no futuro

Entre fórmulas e palavras: os desafios do ensino e da aprendizagem das ciências em contextos multiculturais

A integração de alunos estrangeiros, em especial nas turmas do ensino secundário, representa, sem dúvida, um desafio muito exigente da nossa prática profissional. A diversidade cultural e linguística enriquece o ambiente escolar, mas também exige adaptações pedagógicas, organizacionais e mesmo emocionais que nem sempre são fáceis de conseguir.

> A diversidade cultural e linguística enriquece o ambiente escolar...

Explicar conteúdos de áreas como física e química, que têm uma linguagem específica e termos que não são fáceis de traduzir para alunos que ainda não dominam o português, implica recorrer a estratégias diferenciadas como materiais visuais ou a simplificação de linguagem. Muitas vezes também se

> ... implica recorrer a estratégias diferenciadas como materiais visuais...

recorre a traduções para uma outra língua, como por exemplo o inglês, mas, não sendo esta a língua materna dos alunos e do professor, traz dificuldades de entendimento que nem sempre são detetadas. Além disso, é preciso gerir os

... é preciso gerir os ritmos de aprendizagem...

ritmos de aprendizagem, garantindo que os alunos estrangeiros acompanham o desenvolvimento da aula, mas sem prejudicar os restantes alunos da turma. Outra dificuldade muitas vezes colocada relaciona-se com os currículos. O ensino básico funciona como o alicerce das aprendizagens que serão aprofundadas no ensino secundário, mas, frequentemente, os alunos estrangeiros chegam às nossas escolas já com idade para integrar o ensino secundário e vindos de países com um currículo muito diferente do nosso ensino básico. Esta questão condiciona significativamente as aprendizagens dos alunos e requer, por parte do professor,

Soma-se a estas condicionantes o impacto emocional...

um acompanhamento mais individualizado, embora tal prática seja constrangida pela necessidade de assegurar uma atenção equilibrada a todos os alunos da turma. Soma-se a estas condicionantes o impacto emocional que os alunos sofrem ao se adaptarem a um país novo, a normas culturais desconhecidas e à necessidade de criar relações sociais num

ambiente onde podem sentir-se isolados. Os alunos que ingressam diretamente no ensino secundário beneficiariam se lhes fosse dada a possibilidade de frequentar um ano de adaptação, que permitisse realizar um diagnóstico completo das suas necessidades e consolidar as competências essenciais para o seu percurso académico subsequente. Este período permitiria que se adaptassem ao nosso sistema educativo, reforçassem as competências linguísticas, mas adquirissem as bases sólidas em todas as disciplinas fundamentais. Contudo, esta medida é frequentemente alvo de resistência por parte de algumas famílias, que tendem a percecioná-la como uma perda de tempo ou retenção desnecessária. E, para além disso, as escolas não estão preparadas para assegurar o acompanhamento necessário para implementar um projeto desta natureza, essencialmente por falta de recursos humanos. A avaliação é outro ponto muito sensível. Avaliar um aluno que está simultaneamente a aprender a língua e os conteúdos disciplinares exige critérios justos e adequados ao seu nível de proficiência e, apesar da legislação permitir adaptações, como tempos adicionais, uso de dicionário bilingue ou critérios específicos, estes alunos têm mais dificuldade em mostrar as suas reais competências, para garantir que se avalia o conhecimento e não apenas a competência linguística. O desafio é ainda maior quando o professor leciona disciplinas que serão objeto de exame nacional, pois

este é o mesmo para todos os alunos, independentemente da língua mãe. Os alunos com pouco tempo de escolarização em língua portuguesa sentirão, sem dúvida, uma maior pressão e desigualdade à partida.
A preparação para os exames deve, por isso, ser gradual, com apoio estruturado por parte da escola, recurso a materiais de treino adaptados e coordenação entre os professores da disciplina e de Português Língua Não Materna (PLNM).

... abordagem colaborativa, nomeadamente a articulação com o professor de PLNM.

Assim, a superação destas dificuldades passa por uma abordagem colaborativa, nomeadamente a articulação com o professor de PLNM. Este professor, que tem formação específica para trabalhar com alunos que estão a aprender a língua portuguesa, fornece estratégias, materiais adaptados, diagnósticos de nível linguístico e um apoio que é fundamental para o trabalho do professor das outras disciplinas. A comunicação entre os professores de PLNM e das outras áreas é essencial

A comunicação entre os professores de PLNM e das outras áreas é essencial...

para ajustar tarefas, antecipar dificuldades e promover uma aprendizagem consistente.
Em síntese, a integração de alunos estrangeiros nas turmas do ensino

secundário constitui uma oportunidade enriquecedora que exige sensibilidade, colaboração e flexibilidade pedagógica. Quando acompanhada por estratégias adequadas, comunicação eficaz entre professores e apoio estruturado, esta realidade pode promover aprendizagens mais significativas, fortalecer a coesão da comunidade educativa e ampliar horizontes interculturais para todos os envolvidos.

Maria Fernanda Viegas
docente no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

aprendizagens mais significativas, fortalecer a coesão da comunidade educativa e ampliar horizontes interculturais para todos os envolvidos.

Incluir na Escola - edificar para a vida

A experiência de trabalho com crianças do primeiro ciclo do ensino básico, no âmbito da disciplina de Português Língua Não Materna, reveste-se de uma responsabilidade especial, considerando um público alvo em particular: estudantes que se inscrevem pela primeira vez num sistema educativo, cuja língua materna não seja o português.

Na verdade, constitui-se como uma particularidade relevante a coincidência em que, simultaneamente, os alunos iniciam o seu percurso escolar, considerando a apropriação das competências de leitura e escrita pela primeira vez, e fazem-no num idioma diferente da sua língua materna.

> ... a apropriação das competências de leitura e escrita pela primeira vez, e ... num idioma diferente da sua língua materna.

O ato de comunicar com estes alunos será particularmente importante, sobretudo quando não são de origem latina, entenda-se países cuja língua materna seja o espanhol. Nesse sentido, as atividades em sala de aula deverão ter em consideração num primeiro momento a proximidade entre a criança e o professor, procurando criar laços de confiança e à-vontade, cimentando posteriormente uma relação de proximidade e

cumplicidade que permita esbater as diversas barreiras que possam existir, favorecendo a integração da criança em meio escolar, quer com os demais colegas da turma, quer com os colegas que eventualmente também sejam alunos de PLNM. Nestes casos, acresce ainda o fator social, isto é, uma criança com seis anos, fora do seu país de origem, longe da família e amigos, que são sempre referências basilares e estruturantes, terá de lidar simultaneamente com a necessidade de se adaptar a uma nova realidade cultural, a circunstâncias familiares que resultam da maior ou menor estabilidade emocional, laboral dos pais, bem como a relevância da sua inclusão em meio escolar, num período de vida em que a sociabilização e a partilha com o outro se revelam determinantes para potenciar a afirmação de um indivíduo na sociedade. Pela experiência adquirida até ao momento, o docente poderá potenciar o seu trabalho com uma base de atividades lúdico-pedagógicas que permitem e favorecem a descontração, a interação e, consequentemente, as aprendizagens. São disso exemplo, a audição e canto de músicas infantis, o canto do abecedário e ditongos, bem como a visualização de

... atividades lúdico-pedagógicas que permitem e favorecem a descontração, a interação e, consequentemente, as aprendizagens.

histórias breves, como as de tradição oral.
Em conclusão a esta breve reflexão, os alunos de PLNM devem usufruir da oportunidade de se expressarem, serem alvo de atenção em momentos importantes da vida escolar, como festas e outros eventos. Poderá fazê-lo através de apresentações aos demais colegas e meio escolar, previamente preparadas, tendo como temas o seu país e a sua cultura de origem, em que todos aprendem.

Francisco Marques,
docente no Agrupamento de Escolas do Viso

O Alfabeto da Integração: Ensinar Português a quem chega

Ensinar PLA é uma experiência marcante, que ultrapassa largamente o âmbito da sala de aula. Mais do que ensinar uma língua, trata-se de participar num processo de integração social, humana e cultural.
A sala de aula, ao final do dia, é um microcosmo do mundo, pessoas que agora procuram construir ou reconstruir a sua vida em Portugal. Ensinar PLA a adultos não é apenas uma tarefa pedagógica; é um exercício de diplomacia humana e um teste à nossa capacidade de acolhimento.
No ano letivo 2023/2024, na minha primeira experiência a lecionar esta disciplina, cheguei munida de gramáticas e planos de aula.

Contudo, rapidamente percebi que, para quem trabalha dez horas por dia na construção civil ou na hotelaria, o "Presente do Indicativo" é uma ferramenta de sobrevivência, não apenas uma regra linguística.
Mais do que Palavras,
Ensinar um adulto a dizer "Dói-me aqui" ou "Procuro trabalho" carrega uma responsabilidade diferente de ensinar a língua e a literatura a crianças e adolescentes. Em cada aula de PLA enfrentamos desafios específicos:
a burocracia, muitas vezes, a professora é o primeiro guia para decifrar o agendamento na AIMA ou a inscrição no centro de saúde;

o cansaço, o esforço de aprender uma língua difícil após uma jornada de trabalho exaustiva exige uma resiliência admirável por parte dos alunos;
a heterogeneidade, na mesma sala convivem licenciados e pessoas menos escolarizadas, vindas do Sudeste Asiático, do continente Americano ou da Europa de Leste.
Assim, a diversidade de níveis de escolaridade, línguas maternas e experiências exigiu uma abordagem pedagógica flexível, centrada na comunicação do quotidiano e em situações reais da vida em Portugal. Mais do que a correção formal, foi fundamental criar um ambiente de confiança, onde o erro fosse entendido como parte natural do processo de aprendizagem e a partilha cultural fosse verdadeiramente valorizada.

A Língua como Chave

É verdade que Portugal tem feito um esforço na oferta de cursos PLA, mas a prática revela que a língua é a primeira barreira contra a exclusão. Quando um aluno consegue, pela primeira vez, responder a um "Bom dia" no autocarro ou compreender um recibo de vencimento, a gramática transforma-se em dignidade.

No final, ensinar português a estrangeiros acaba por ser uma forma de redescobrirmos a nossa própria identidade, através do olhar de quem escolheu Portugal.

Esta experiência ensinou-me que o acolhimento não se faz apenas com leis ou subsídios, mas com a paciência de quem ensina a pronunciar os nossos "ãos" e "lhes". No final, ensinar português a estrangeiros acaba por ser uma forma de redescobrirmos a nossa própria identidade, através do olhar de quem escolheu Portugal.

Adozinda Almeida,
docente no Agrupamento Fontes Pereira de Melo

O Português Língua de Acolhimento: uma prática de integração linguística e cultural

O Português Língua de Acolhimento (PLA) constitui, na atualidade, uma das práticas educativas mais eficazes na promoção da integração linguística, cultural e social de cidadãos migrantes. Para muitos destes cidadãos do mundo, chegar a Portugal significa iniciar um processo de reconstrução pessoal e profissional, e a língua é, simultaneamente, instrumento e porta de entrada para essa nova etapa.

Assim, o PLA representa um modelo pedagógico que articula inclusão e humanização, afirmando-se como uma prática de sucesso no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas (AERF), onde tem contribuído decisivamente para garantir a equidade, o acolhimento e a participação ativa de todos os alunos que frequentam este programa quer no nível A1-A2, quer no nível B1-B2.

Para muitos destes cidadãos do mundo, chegar a Portugal significa iniciar um processo de reconstrução pessoal e profissional...

Língua que integra, cultura que aproxima: fundamentos de uma pedagogia humanista no século XXI

> ... as escolas convertem-se em espaços de encontro entre diferentes línguas, culturas e identidades.

Num século marcado por mobilidades intensas, as escolas convertem-se em espaços de encontro entre diferentes línguas, culturas e identidades. Neste cenário, o PLA assume um papel estruturante: ultrapassa a conceção tradicional do ensino de língua e transforma-se numa prática que possibilita o acesso funcional à vida quotidiana, ao emprego, aos serviços públicos e à participação comunitária.
A aprendizagem do português, enquanto língua de acolhimento, converte-se num processo de empoderamento social e pessoal, permitindo que cada migrante recupere autonomia e capacidade de intervenção social.
Paralelamente, o reconhecimento das línguas de origem como património cultural e linguístico contribui para a construção de ambientes educativos em que todos os alunos se sentem representados e valorizados.

> ... cada migrante recupere autonomia e capacidade de intervenção social.

A escola inclusiva e o plurilinguismo contemporâneo: desafios e oportunidades

A escola do século XXI vive imersa num contexto plurilingue e multicultural. Este cenário exige respostas pedagógicas que ultrapassem a mera adaptação curricular e avancem para práticas de verdadeira inclusão. Neste enquadramento, uma escola inclusiva:

- reconhece e valoriza os percursos migratórios e identitários dos alunos;
- rejeita perspetivas assimilacionistas e promove a interculturalidade;
- utiliza a diversidade linguística como recurso didático;
- fomenta o diálogo, a tolerância e o respeito pelas múltiplas pertenças culturais.

O ensino de PLA situa-se precisamente neste cruzamento entre pluralidade linguística e justiça educativa, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e socialmente participativos.

O professor como mediador intercultural: inovação, acolhimento e transformação

O papel do professor de PLA é profundamente complexo e humanizante. Mais do que transmissor de conteúdos, é mediador cultural, facilitador de comunicação e figura de referência no processo de adaptação dos aprendentes. No AERF esta função tem-se revelado central para o desenvolvimento de práticas pedagógicas transformadoras.

1. Acolher com empatia e intencionalidade pedagógica

Criar um ambiente emocionalmente seguro é condição indispensável para a aprendizagem. O docente reconhece e valoriza as narrativas pessoais dos alunos, as marcas do percurso migratório e as diferenças nos níveis de literacia.

2. Inovar para motivar: metodologias ativas no ensino do PLA

As práticas inovadoras revelam-se essenciais para um ensino significativo:

- aprendizagem baseada em tarefas e projetos autênticos;
- simulações comunicativas úteis no quotidiano;
- integração da gastronomia, música, literatura e património cultural como recursos didáticos;
- exploração dos espaços escolares como o museu da Ciência e a Biblioteca Jaime Cortesão e a cidade como extensão da sala de aula;
- utilização de ferramentas digitais e multimodais.

3. Valorizar o multilinguismo como capital cultural

As línguas de origem são integradas como recurso pedagógico estratégico: traduções, comparações linguísticas, partilhas interculturais e momentos de apresentação cultural reforçam o sentimento de pertença e a autoestima dos migrantes que acolhemos.

4. Construir comunidades de aprendizagem inclusivas

Através de projetos colaborativos, atividades interculturais e ligação com a comunidade local, o

professor contribui para criar ambientes educativos que promovem o encontro entre culturas e a partilha de saberes.

Práticas de sucesso

O Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas tem implementado práticas de PLA que se destacam pela sua eficácia e capacidade de transformação. Entre elas:

- projetos interculturais como “Histórias do Mundo” e “Sabores do Mundo”, que valorizam memórias, identidades e gastronomias;
- produção de livros de receitas, narrativas pessoais e poemas bilíngues;
- visitas pedagógicas pela cidade com tarefas comunicativas reais;
- jogos linguísticos e dramatizações que reforçam a confiança e a fluência;
- iniciativas de partilha com famílias, comunidade e entidades parceiras.

Estas práticas têm demonstrado que a inovação pedagógica, quando articulada com uma visão humanista e inclusiva, produz resultados mensuráveis na autoestima, na autonomia e integração social dos alunos.

Ensinar a língua é ensinar a acolher.

Conclusão

Ensinar a língua é ensinar a acolher.
O PLA configura-se, acima de tudo, como uma prática de humanidade e de cidadania. No AERF esta abordagem tem revelado um impacto profundo na integração dos migrantes na sociedade portuguesa, permitindo que cada aluno encontre um espaço seguro de reconstrução, participação e pertença. Cada palavra aprendida representa um passo na reconstrução de vidas; cada aula é um espaço onde se cruzam mundos, é um contributo para uma sociedade mais justa, mais plural e mais humana; cada projeto é uma celebração da diversidade que enriquece a nossa comunidade em particular e o país em geral.
O contributo de professores atentos, inovadores e empenhados no acolhimento e na integração dos migrantes, seja através da língua, seja da cultura, é decisivo para a concretização desta missão. Assim, numa escola verdadeiramente inclusiva e plurilingue, ensinar português afirma-se como um ato de acolhimento, um percurso de integração e um instrumento de transformação, valores que orientam e dão sentido à nossa prática letiva.

Cada palavra aprendida representa um passo na reconstrução de vidas...

Maria de Fátima Azevedo,
docente no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

Vozes de quem se sente acolhido

Frequentar os cursos de PLA na Escola Rodrigues de Freitas, entre 2023 e 2025, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida em Portugal. Entrei no nível A1/A2 e concluí também o nível B1/B2, mas o mais importante foi tudo o que ganhei para além da língua.
As aulas eram acolhedoras, dinâmicas, animadas e motivadoras. Graças ao profissionalismo e à dedicação das professoras, ganhei confiança para comunicar, compreender melhor a cultura portuguesa e integrar-me no dia a dia com muito mais facilidade. Tive sempre uma equipa humana, paciente e pronta a ajudar.
Viver em Portugal tem sido profundamente enriquecedor. Aprendi a amar este país; a sua história, as suas tradições, a sua gastronomia e até os seus vinhos e aprender português abriu-me verdadeiramente as portas para tudo isto e para garantir o futuro da minha família.
Graças aos cursos de PLA, sinto-me mais próximo deste país que aprendi a amar. Este percurso tornou-se uma parte fundamental do meu crescimento pessoal e da minha integração em Portugal.
Sinto uma enorme gratidão pelas professoras e recomendo sinceramente os cursos de PLA da Escola Rodrigues de Freitas a todos os que desejem aprender português de forma séria, com um apoio humano excecional.
E, claro... tenho muitas saudades das celebrações e das atividades culturais, especialmente do Magusto.

*Vadim Dalmato*v, Ucrânia

... mas o mais importante foi tudo o que ganhei para além da língua.

Hoje sinto que tenho voz.

... que é possível sentirmo-nos em casa, mesmo longe de casa.

Chamo-me Ahmed e sou egípcio. Estou a realizar o meu doutoramento em Engenharia Civil na FEUP, onde trabalho também como investigador.
Quando cheguei a Portugal, a língua parecia um muro intransponível. Tinha medo de falar, de errar e de não ser compreendido.
O curso de Português Língua de Acolhimento da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas tornou-se o meu porto seguro. Ali aprendi muito mais do que gramática: aprendi a viver o quotidiano com autonomia — pedir informações, conversar com vizinhos, tratar de burocracias. Cada nova frase dava-me uma liberdade diferente, na escola, no trabalho e nas relações pessoais.
O que mais me marcou foi perceber que não estava sozinho. O apoio da professora Fátima e dos colegas fez-me sentir verdadeiramente acolhido. O que antes era apenas "ruído" tornou-se conversa; passei a entender as piadas e a rir com os outros. Hoje, sinto que tenho voz. A língua portuguesa deu-me a chave para construir uma vida nova, com dignidade e esperança.
Sou profundamente grato por este caminho e espero que o meu testemunho inspire outros a acreditarem que é possível sentir-nos em casa, mesmo longe de casa.

Ahmed Mansour, Egito

Cheguei ao Porto sem saber uma palavra de português. No início, nem queria entrar nas aulas de PLA; o meu namorado é que me inscreveu e quando descobri que as turmas de A1 e A2 já estavam cheias, fiquei furiosa. Tive de fazer um teste de avaliação para conseguir o B1-B2, o que só aumentou a minha irritação com ele. Mas a confiança que ele tinha em mim acabou por me empurrar para a sala.

Foi nas aulas de B1 e B2 que encontrei o apoio necessário para avançar. A professora Fátima transformou cada lição num espaço de descoberta: corrigia-nos com paciência, incentivava a prática oral e organizava atividades que iam muito além do manual.

Algumas das experiências que marcaram o percurso: visita ao Museu da Ciência da Escola, onde fomos orientados e tivemos uma aula com a professora Ana Bela Saraiva; sessões de team building e leitura de poemas em grupo na Biblioteca Jaime Cortesão, onde desenvolvemos a comunicação em português e me ajudaram a perder o medo de falar; um passeio pelo centro histórico do Porto para conhecer melhor a cidade e a sua vivência; noites de convívio. Por vezes, após as aulas, o grupo ia ao Mercado do Bom Sucesso para conversar, provar petiscos e partilhar histórias, reforçando o que aprendíamos em sala de aula.

Com a ajuda da professora Fátima e dos colegas, superei os obstáculos e avancei nos meus estudos.

Hoje sinto-me parte da comunidade, mas, acima de tudo, vejo o português como a chave que abriu portas, tanto nas aulas com nas ruas do Porto.

Agradeço à professora Fátima a paciência e ao meu namorado, que, apesar da minha raiva inicial, acreditou em mim e me trouxe até aqui.

Miriam Ogbonna, Zimbabué

... vejo o português como a chave que abriu portas, tanto nas aulas quanto nas ruas de Porto.

... os professores convidam os alunos a partilharem histórias das suas vidas e países.

As aulas de Português Língua de Acolhimento (PLA) são mesmo acolhedoras! Tive três professores diferentes (Casimiro, Cristiana e Fátima), e cada um foi profissional, prestável e amigo. Além de ensinarem todos sobre português e sobre Portugal, os professores convidam os alunos a partilharem histórias das suas vidas e países, tornando as aulas mais dinâmicas e dando a oportunidade a todos os alunos de conhecerem as culturas e os países uns dos outros. É uma oportunidade especial e valiosa participar nestas aulas no Agrupamento Rodrigues de Freitas para quem queira aprender português.

Melisssa Capers, EUA

Sou a Edith, sou das Honduras, um pequeno país da América Central. Estou aqui no Porto com o meu marido, ambos reformados. O nosso primeiro objetivo foi aprender português para viver plenamente esta nova etapa da nossa vida. Inscrevemo-nos imediatamente na Escola Secundária Rodrigues de Freitas, uma escolha acertada.

Tendo sido professora, a minha experiência foi positiva. Chegar a cada aula e ser recebida ao entrar no edifício com um sorriso, com a simpatia típica dos portugueses, prometia uma tarde extraordinária. A equipa de professoras era tão profissional, tão agradável e calorosa no seu trato. Uma equipa de professores que, sem nos dar aulas, estava lá a apoiar as suas colegas com a sua audiência.

Não esperava uma aula tão interativa, não foi só ir e sentar numa sala para ouvir o capítulo do dia. Foram palestras sobre diversos temas numa biblioteca repleta de história e artefactos curiosos e antigos. Que maneira de ativar os 4 elementos para aprender uma língua, reflexo do planeamento e do empenho das nossas professoras.

Refrescaram-me a memória com uma exposição sobre células, aprendi sobre Luís de Camões através das pinturas de um aficionado por arte, conheci o Nepal graças à galeria de fotos de um professor da escola, aprendi sobre a gastronomia portuguesa com uma exposição brilhante e muitas outras exposições que escapam à minha memória.

Mas a interatividade não terminou aí, celebramos o Magusto, aqui entendi o que gritam nas ruas nas vendas de castanhas e sim, elas são quentes e boas, o Natal, a amizade, etc.

Não posso esquecer os meus colegas, com quem também aprendi sobre as suas culturas e lutas, tão simpáticos e dispostos a ajudar-nos mutuamente. Com as suas apresentações, aprendi mais sobre a atualidade de Portugal, a história, o desenvolvimento português nas ciências e nas artes. Um grupo magnífico.

Por último, mas não menos importante, pelo contrário, quero agradecer à minha maravilhosa professora Fátima, que, como dizemos no meu país, me ajudou a soltar a língua em português. Um dos quatro pilares para aprender uma língua é falá-la, e isso era o que mais me custava. Obrigada pelo seu bom caráter, seu bom coração e seu profissionalismo.

Edith Smyth, Honduras

Foram palestras sobre diversos temas numa biblioteca tepleta de história e artefactos curiosos e antigos.

Chamo-me Kristina, sou ucraniana e quero partilhar a minha história. Cheguei a Portugal em 2022, numa mudança forçada que acabou por transformar a minha vida. Entre os muitos receios da emigração, o maior foi a nova língua. Senti-me como se tivesse de "nascer" de novo: aprender a andar, a falar, a começar do zero. E, nesse processo, encontrei aqueles a quem chamo os meus "pais" , os professores que me acolheram e guiaram quando tudo parecia difícil.

Recordo-me bem do primeiro dia de aulas de PLA no Agrupamento Rodrigues de Freitas onde também foi integrado o meu filho na Escola Básica da Torrinha. Estava completamente perdida, sem entender uma única palavra, e achava que nunca conseguiria dizer sequer um "olá" correto. Mas os professores da escola envolveram-me com paciência, profissionalismo e um cuidado que jamais esquecerei. Fomos lendo, estudando gramática, mergulhando na história e na cultura de Portugal. Quanto mais aprendia, mais me apaixonava por este país.

A gramática foi o maior desafio, mas falar em voz alta foi ainda mais difícil. Tinha medo de errar, medo de não ser compreendida. Com o tempo, percebi que errar faz parte do caminho, tal como na vida, é através dos erros que crescemos. E, pouco a pouco, comecei a falar.

Hoje, quase quatro anos depois, já não tenho medo.

Continuo a aprender, continuo a falhar, mas já não fico calada. Sou profundamente grata às minhas duas professoras Cristina e Fátima, que têm um talento extraordinário para ensinar estrangeiros e que mudaram a minha vida.

Portugal conquistou-me. É um país que cura, feito de pessoas com um coração enorme e abraços fortes. Se tivesse de escolher de novo um país para recomeçar, escolheria Portugal sem hesitar.

Quando era pequena, cada professor dizia que a sua disciplina era a mais importante. Mais tarde, a vida perguntou-me: "falo português?" Hoje, com orgulho e serenidade, posso responder: sim, falo português. Sinto-me uma cidadã do mundo, com coração ucraniano e alma portuguesa.

Kristina Dior, Ucrânia

Senti-me como se tivesse de "nascer" de novo...

... quatro anos depois, já não tenho medo.

Com um brilhozinho nos olhos

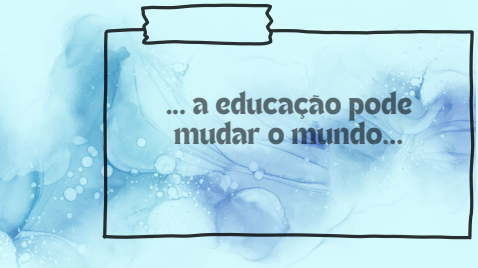
Acolher com empatia

O sistema educativo português sempre enfrentou desafios que vão para além das competências científicas e pedagógicas transmitidas nas licenciaturas, mestrados ou doutoramento dos docentes.

> ... desafios que vão para além das competências científicas e pedagógicas transmitidas nas licenciaturas, mestrados ou doutoramento dos docentes.

Desafios que se vão revelando cada vez mais exigentes, principalmente devido às alterações na sociedade, quer pela introdução de novas tecnologias, redes sociais, inteligência artificial, quer pela desvalorização da educação em certos contextos sociais, trazendo para as salas de aula os problemas da vida em sociedade, a indisciplina, as doenças do foro mental, entre muitos outros.
A integração de alunos migrantes nas turmas veio acrescer aos desafios já mencionados.
Principalmente, aqueles alunos que chegam ao sistema educativo português sem conhecerem a língua, oriundos de países com culturas e hábitos muito diferentes, e que são colocados em anos de escolaridade, frequentemente pela sua idade e não pelos seus

conhecimentos prévios. Palavras como “frustração” ou “desespero” são muitas vezes referidas pelos professores que sentem no seu dia-a-dia as dificuldades de comunicar com estes alunos. Mas, todos sabemos, que a classe docente é resiliente e enfrenta as dificuldades com a convicção e a certeza de que “a educação pode mudar o mundo” e, certamente, a vida destas crianças e jovens. Muitas delas traumatizadas por saírem de um país em guerra, outras por saírem desses países deixando lá os seus familiares mais queridos e amigos, outras pela fome, outras pelo desejo dos pais em lhes dar um futuro melhor.



Integração do PLNM nas disciplinas e no currículo

Perante esta realidade, a formação de professores em Português Língua Não Materna (PLNM) apresenta-se como uma prioridade, alicerçada na introdução do Nível Zero de proficiência linguística para estes alunos em Resolução do Conselho de Ministros no ano de 2024. E a procura por estas formações tem sido prioritária para muitos Centros de Formação de Professores a nível nacional. Os professores estão a passar das palavras à ação. Ter alunos sentados na sala de aula, a olhar para o professor durante 45 ou 50 minutos e saírem sem terem percebido uma única palavra do que se passou, está a deixar de ser uma realidade. Quando o aluno quer aprender e não

consegue, a sua frustração passa a ser também do professor.
Foi esta a razão e motivação para ter fundado o Projeto AROÍ, que já está a ser utilizado em vários agrupamentos a nível nacional.

Metodologias e estratégias para diferentes níveis linguísticos

Pensado para ser um projeto bilingue, a sua evolução levou já a oferecer mais línguas estrangeiras, utilizadas como línguas-ponte para a aprendizagem da língua portuguesa, com recursos totalmente gratuitos, dos quais se podem destacar a apresentação de vídeos,

... como línguas-ponte para a aprendizagem da língua portuguesa ...

... de vídeos, ficheiros áudio, flashcards, fichas de trabalho e gamificação.

ficheiros áudio, flashcards, fichas de trabalho e gamificação.
Mas o projeto não se foca apenas nos alunos mais crescidos. Para os pequenos, a frequentar o 1º ciclo, está a ser criado o Projeto AROÍ Kids; para aqueles que já adquiriram as competências para passar para o Nível A1, está em desenvolvimento o Projeto AROÍ Plus; e para as famílias, que também necessitam de aquisição de competências na nossa língua, o Projeto AROÍ Family será certamente uma ajuda na sua integração social e no mercado de trabalho. A implicação das

famílias na aprendizagem linguística será também uma garantia do sucesso educativo dos seus educandos.
Quando um professor trabalha com um conjunto de alunos que estão a dar os primeiros passos na sua aprendizagem e no fim da aula ouve um “obrigado” (em português), não há palavras para descrever o que o coração sente. E mais, os alunos saem com um sorriso na cara e “um brilhozinho nos olhos”. Há muitas razões para termos orgulho na nossa profissão e no nosso trabalho. Este será, com certeza, um deles.

... “obrigado” (em português), não há palavras para descrever o que o coração sente.

... “um brilhozinho nos olhos”...

Projetos interdisciplinares

Projeto AROÍ – https://sites.google.com/view/projetoaroi

Projeto AROÍ Kids – https://sites.google.com/view/projeto-aro-kids/

Projeto AROÍ Plus – https://sites.google.com/view/projeto-aroi-mais

Projeto AROÍ Family – https://sites.google.com/view/aroi-pro?usp=sharing

"É que hoje fiz um amigo
E coisa mais preciosa no mundo não há."

in Com um brilhozinho nos olhos, *Sérgio Godinho*

António Monteiro da Silva,
docente de PLNM e formador

O Clube de Expressão Dramática e Teatro é um lugar de todos e para todos

A Escola é um espaço de aprendizagem onde se constrói conhecimento através da relação com os outros sendo a comunicação fundamental. A Escola não é apenas aprendizagem individual, dentro de quatro paredes, numa atitude passiva de absorção de conhecimento, mas uma experimentação pessoal e coletiva de situações e saberes.

... mas uma experimentação pessoal e coletiva de situações e saberes.

Aprende-se também com o corpo, recetor de sentidos, que exprime informações, sentimentos e emoções.

O corpo comunica consigo e com os outros, com gestos, com silêncios, com o olhar, com o movimento e a palavra.

O corpo comunica consigo e com os outros, com gestos, com silêncios, com o olhar, com o movimento e a palavra. A expressão dramática e o teatro promovem o aprender com o seu corpo, com a voz, com as emoções. É aprender a estar consigo e com os outros. É onde se "experiencia" a comunicação verbal e não verbal, a consciência corporal, a escuta e o trabalho de grupo. É o "fermento" para o desenvolvimento global, respondendo a vários

domínios de competência no perfil do aluno. O clube de expressão dramática e teatro é o lugar onde o currículo pode "ganhar alma". Interligar e articular saberes, culturas, experimentar emoções, olhar para si, aprender com os outros, expressar-se e criar. Cada sessão é também um exercício de cidadania, é valorizar a escuta, é errar sem medo, é tentar de novo, é transformar fragilidades em criação.

O clube torna-se, assim, um lugar de pertença, onde todos aprendem uns com os outros. Ninguém está de "fora". Todos têm um papel, todos contam uma parte da história, o outro é uma possibilidade, não uma ameaça. É a contra-cena, é a diversidade vivida, onde todas as linguagens se encontram e não são obstáculo.

Participar numa atividade teatral, jogos dramáticos, diálogos e improvisações, ajuda a desenvolver a linguagem de forma natural e motivadora, promovendo a comunicação, a confiança e a autoestima. Nos alunos em que a sua língua materna não é o português, alunos migrantes, nas sessões do clube, quando a palavra falha, o corpo fala, a expressão permite a comunicação.

... quando a palavra falha, o corpo fala, a expressão permite a comunicação.

A participação torna a comunicação real. Praticam o vocabulário e desenvolvem a língua de forma natural e motivadora. Promove-se a apropriação da língua que ainda não dominam sem a pressão da sala de aula.

O erro deixa de ser visto como falha e passa a ser parte do processo criativo...

O erro deixa de ser visto como falha e passa a ser parte do processo criativo, fortalecendo a confiança e diminuindo a ansiedade linguística. O clube permite que estes alunos se integrem sem pressa, combatendo o isolamento, sem rótulos, trazendo consigo as suas histórias, culturas e memórias valorizando a diversidade cultural de todos. Todos são parte essencial da narrativa comum. É por isso que, para os alunos que chegam de longe, com palavras diferentes, hábitos novos e aquela timidez de quem tenta encontrar o seu lugar, o clube torna-se um porto seguro. Aqui, o erro

... e aquela timidez de quem tenta encontrar o seu lugar...

transforma-se em processo, o desconhecido em descoberta. A diversidade deixa de ser teoria e passa a ser experiência viva. O teatro ajuda a comunicar, a imaginar, a criar com o outro e, enquanto os alunos constroem personagens, vão também construindo laços.

... o erro transforma-se em processo, o desconhecido em descoberta.

Trabalham juntos, improvisam juntos, erram juntos, aplaudem-se mutuamente.

No fim, já ninguém é "o aluno novo" ou "aluno migrante" são todos parte do mesmo clube...

No fim, já ninguém é "o aluno novo" ou "aluno migrante" são todos parte do mesmo clube, que fazem parte da improvisação, que absorvem a língua que desconhecem e tornam-se membros participativos na escola e na sociedade.
Um clube de expressão dramática e teatro poderá desempenhar um papel essencial na integração de alunos migrantes, oferecendo-lhes um espaço seguro, acolhedor e criativo onde podem expressar-se livremente. Para muitos destes alunos, a chegada a um novo país implica enfrentar desafios linguísticos, culturais e emocionais. O clube de teatro torna-se, assim, uma ponte poderosa entre a sua identidade de origem e a apropriação de uma nova cultura, de uma nova língua, na criação de um espaço e tempo e ação, promovendo uma bonita criação expressiva e performativa, que permitirá a fruição de todos. No clube de expressão dramática e teatro do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, várias nacionalidades se juntam e misturam, criando um clube único. Foi exemplo disso o culminar do projeto Visitações, desenvolvido em parceria com o Teatro Nacional S. João, em que 50% dos alunos eram migrantes.
Por tudo isto, um clube de teatro não é apenas uma

atividade extracurricular, é um local de inclusão, crescimento pessoal e sucesso escolar para todos, onde todos são bem-vindos, onde as linguagens são universais. É uma porta aberta. É um convite para que cada aluno descubra a sua voz, a voz do outro, onde se juntam vozes distintas na criação de uma voz coletiva, que nasce do respeito pelas diferentes culturas a celebrar com os outros.

No palco do clube da Escola, a integração acontece naturalmente e, quando cai o pano, fica sempre a sensação de que ali, naquele espaço de criatividade e partilha, todos somos protagonistas.

Isabel Figueiroa,
docente responsável pelo Clube de Expressão Dramática e Teatro do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

... e, quando cai o pano, fica sempre a sensação de que ali, naquele espaço de criatividade e partilha, todos somos protagonistas.

O teatro permite-nos expressar, escutar e crescer em conjunto...

Sendo estudante estrangeiro, o clube de teatro foi, para mim, muito mais do que uma atividade extracurricular. Foi um espaço de encontro, de partilha e de inclusão, onde pessoas de diferentes nacionalidades, idades e experiências se unem através da criatividade. O teatro permite-nos expressar, escutar e crescer em conjunto, sem barreiras culturais ou linguísticas. É um espaço verdadeiramente participativo, onde todos têm voz e onde a diversidade se transforma em força. É diversão, liberdade e um lugar seguro.

testemunho de *Irad Lôpez*,
aluno do Clube de Expressão
Dramática e Teatro

Dia do Patrono

No dia 11 de dezembro o Polivalente da Escola Básica Manoel de Oliveira abriu as suas portas para acolher alunos, pais/encarregados de educação e outros familiares, que, a convite da Direção, se reuniram na Escola para participar na Cerimónia de Entrega de Prémios, uma iniciativa do Agrupamento realizada nesta data para assinalar o Dia do Patrono.
Depois de ter dado as boas-vindas a todos os presentes, a Senhora Diretora Carla Esperanço elogiou a excelência do desempenho e as atitudes louváveis de todos quantos iriam ser premiados, realçando o papel das famílias que apoiam os filhos e acreditam que o conhecimento e as aprendizagens têm uma importância fulcral no futuro dos seus educandos.

Este evento foi apresentado por dois alunos do 8.º ano e animado por vários grupos de alunos, que declamaram poemas, dramatizaram histórias e apresentaram coreografias.
O público assistiu à exibição de uma dança contemporânea, apresentada pela aluna do Ensino Articulado, Matilde Silva, do 6.º ano.

A aluna Alisa Vasikova do 5.º ano, o Miguel Rodrigues, do 7.º ano, e as alunas Ana Beatriz Moura, Beatriz Pires, Carolina Corte-Real e Leonor Vieira, do 8.º ano, interpretaram, de seguida, o poema intitulado “Retrato de Manoel de Oliveira”, evocando a figura do nosso patrono, que nasceu a 11 de dezembro de 1908, no Porto.

A Cerimónia prosseguiu com a apresentação de uma coreografia, feita por duas alunas do 8.º ano.

No final, esta Cerimónia foi coroada com um momento musical protagonizado pela professora de Educação Musical, Joana Branco, e pelos seus alunos, numa apresentação subordinada ao tema “A história do cinema cabe na vida de Manoel de Oliveira”.

Maria José Neves,
coordenadora Departamento de Línguas e Ciências Sociais e Humanas, no Agrupamento de Escolas Manoel de Oliveira

O meu nome é Alisa Vasikova, tenho 11 anos e nasci na Rússia, mas agora estudo aqui em Portugal. Recentemente, vivi um dia muito especial na minha escola: a comemoração do Dia do Patrono no Agrupamento Manoel de Oliveira.
Gostei muito de fazer parte do grupo que recitou o poema "Retrato de Manoel de Oliveira", pois fiquei a conhecer melhor a vida e a importância do nosso patrono para o cinema português e mundial. Foi um momento bonito e emocionante, em que senti que todos estávamos unidos para homenagear uma figura tão marcante da história do cinema, que deu nome ao nosso Agrupamento.
Também adorei participar na dramatização "A história do cinema cabe na vida de Manoel de Oliveira". Achei esta atividade muito divertida, porque juntou música e teatro. Trabalhar com os meus colegas e com a professora de Educação Musical ajudou-me a ganhar mais confiança e a melhorar o meu português.
Senti-me muito feliz por poder participar nesta cerimónia. Momentos como este, fazem-me sentir que a escola é um lugar onde todos são valorizados e onde posso crescer, aprender e partilhar a minha cultura com os outros. Vou guardar esta experiência com muito carinho.

testemunho de *Alisa Vasikova,*
5.ºC – Clube de Português/Oficina de Escrita

Vou guardar esta experiência com muito carinho.

Construir Pontes Que Nos Unem

A experiência no Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique (AEIDH) teve início em abril de 2025 e tem sido única e enriquecedora, dado que envolve um constante contacto com diferentes culturas e realidades, criando muita expetativa e envolvimento neste processo. Tem sido um caminho de aprendizagem, diária, de novas realidades e culturas dentro de uma só comunidade que é este Agrupamento.

Nas galerias da Escola Sede do AEIDH foram colocadas as bandeiras de todas as nacionalidades presentes do Agrupamento, sendo bem visível a nossa diversidade cultural em que cada aluno se sente integrado e representado.

No ano letivo anterior o AEIDH dispunha de uma mediadora a tempo inteiro e em 2025/2026 recebeu mais uma mediadora a tempo parcial.

O AEIDH tem alunos de 34 nacionalidades diferentes, o que nos traz uma grande diversidade cultural.

O nosso papel de mediadoras implica uma verdadeira gestão de diferenças culturais e a promoção de um ambiente de inclusão e compreensão mútua entre os alunos,

> Tem sido um caminho de aprendizagem, diária, de novas realidades...

professores e restante comunidade escolar.
As mediadoras não se limitam à tradução em sala de aula, exercem um trabalho contínuo em todo o ambiente social e escolar. O mediador é um intermediário linguístico, mas não só, também intervém de forma a que haja uma melhor compreensão das normas sociais e educativas de uma nova cultura, contribuindo para que o aluno se sinta integrado e respeitado num novo contexto.

Enquanto mediadoras, somos agentes facilitadoras da comunicação entre alunos imigrantes

Enquanto mediadoras, somos agentes facilitadoras da comunicação entre alunos imigrantes que não dominam a língua portuguesa, e os restantes membros da comunidade escolar. Muitas vezes estamos presentes em reuniões com encarregados de educação, enquanto tradutoras, dando a conhecer as regras e práticas escolares, prestando informações sobre assuntos exteriores ao meio escolar, realidades que estas famílias desconhecem. O que é óbvio para a cultura portuguesa, pode não ser para outras culturas, como por exemplo: o que é uma greve? Porque é que o meu filho não tem aulas em dias de greve? O que se comemora nos feriados?...
No sentido inverso, é necessário fazer compreender os hábitos e

comportamentos culturais dos alunos estrangeiros, sempre que possível, e por vezes ajustar medidas dentro da escola, para que a cultura portuguesa não seja intrusiva.
Os nossos alunos são acolhedores e recetivos aos novos alunos, sendo este um ponto fundamental no AEIDH. Por vezes os alunos estrangeiros chegam com algum receio e até desconfiança, mas com a ajuda de todos rapidamente se ambientam. O nosso papel de mediadoras é acolher os alunos estrangeiros e minimizar o impacto de chegada a um ambiente e cultura diferentes, fazendo pontes entre todos e certificando-nos que os alunos se sentem bem acolhidos, desde o momento da entrada no AEIDH até ao final do seu percurso escolar.

As Mediadoras Linguísticas estão presentes em contexto de sala de aula, em apoio direto ao aluno, através da tradução, ou simplesmente enquadrando o aluno sobre a temática da aula, seja em turmas do 1º Ciclo, ou do 2º, 3º ciclo, Ensino Secundário e Profissional.

A presença do mediador nos intervalos é importante como forma de integração e convivência saudável e agradável entre TODOS.

Fora do contexto da aula, os alunos usufruem de apoio individualizado ou em pequenos grupos, de forma a melhorar a rapidez da compreensão da língua e consequentemente dos conteúdos programáticos das aulas.

Na Escola Secundária Infante D. Henrique, colaboramos na elaboração do *Currículum Vitae* e/ou portfólio, dos alunos dos cursos profissionais, tendo em vista uma candidatura a formação em contexto de trabalho e/ou emprego, assim como na redação de uma carta de apresentação e inscrição em plataforma de emprego.

O AEIDH dispõe de um Manual de Acolhimento elaborado por nós, para os alunos estrangeiros, com as boas-vindas nas línguas faladas no Agrupamento, com informações básicas sobre a escola, serviços disponíveis e principais direitos e deveres do aluno. O mediador é também dinamizador de atividades na abordagem do tema da multiculturalidade.

Em outubro, realizámos uma sessão de cinema com os alunos dos 10º/11º/12º anos, apresentando um filme com a temática da multiculturalidade, da discriminação de género e culturas. Durante o filme, os alunos foram convidados a identificar situações de discriminação e preconceito de estrangeiros recém-chegados e a desconstruir situações, colocando-se no lugar do outro, com empatia!

Carla Almeida e Joana Marques,
mediadoras linguísticas e culturais no Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

NÓS somos, TODOS, em um Só!

Somos a Associação de Estudantes, porque juntamo-nos, criamos uma lista, elaboramos as nossas propostas, fomos a eleições e fomos escolhidos pelos alunos. Escolhidos para sermos todos em um só, escolhidos para ser a voz e a representação dos nossos colegas.
A Associação de Estudantes do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, com a designação “Todos em um Só” é constituída por estudantes com origens diversas:
- Presidente da Associação, Luriana Kasaico, de Angola,
- Vice-Presidente, Noor Ul Huda, do Paquistão,
- Secretária da Direção, Nauly Ortiz, da Colômbia,
- Vogais da Direção, Leticia Marquês, do Brasil, e Guilherme, de Portugal.
- Presidente do Assembleia Geral, Mara Fernandes, de Portugal,
- Primeiro secretário da Assembleia Geral, Pedro Amaral, de Portugal,
- Segunda secretaria da Assembleia Geral, Maria Clara, do Brasil.
- Presidente do Concelho Fiscal, Weza Leite, de Angola,
- Primeiro Secretário do Concelho Fiscal, Luís Trigo, de Portugal,
- Segundo presidente do Concelho Fiscal, Fábio Turé, de Cabo Verde.

Entre as diversas atividades dinamizadas destacamos neste artigo duas.
Celebramos o dia Internacional da Língua Portuguesa com uma feira gastronómica, a apresentação de diversos livros da comunidade CPLP, a apresentação de poemas e poesias, músicas e o mais importante, o que vivemos todos os dias no nosso Agrupamento, ´´partilha da diversidade cultural´´.
Encerramos o ano com o nosso “Natal Multicultural”. O nosso Agrupamento conta com 34 nacionalidades diferentes, 34 países no coração do Infante, no coração do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique. E com isso a Associação de Estudantes convidou as 34 nacionalidades do nosso Agrupamento a trazer as sobremesas típicas de Natal de cada país, a vestirem-se culturalmente, a dançarem as músicas tradicionais e encerrarmos este primeiro período como os nossos alunos gostam, a festejar abraçados uns aos outros. Tivemos pouca adesão nesta atividade, participaram apenas alunos de 3 nacionalidades, que representaram os seus países: França, Colômbia e Angola.

França representada pela aluna Mara Fernandes, luso-francesa, com o ´´Tronco de Natal´´; Colômbia representada pela aluna Yuliana Ortiz, com os ´´Boñuelos´´ e Angola representada pela aluna Luriana Kasaico, com um ´´Bolo de jinguba, Pilinhas e bolachas de gengibre e canela´´. Foi uma manhã muito divertida, dançamos, sorrimos e brincamos imenso.
A nossa escola, a nossa Associação, é abraços, aconchegos e acolhimentos.
NÓS somos, TODOS em um Só!

Luriana Kasaico,
presidente da associação de estudantes
do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique

Seeing the Pakistani flag in school, made me feel proud and connected to my roots. It felt really good.

testemunho de *Noor Ul Huda,*
11ºB - Agrupamento de Escolas
Infante D. Henrique

Foi uma mistura de alegria e saudade. O sabor levou-me diretamente à Colômbia, às memórias de casa, mesmo estando longe. Por um momento, pareceu que eu tinha voltado à Colômbia.

testemunho de *Erik Ortiz,*
11ºD - Agrupamento de Escolas
Infante D. Henrique

Trabalho social na escola

Procurar garantir a plena inclusão de todas as crianças e jovens no contexto escolar e social é cada vez mais um desafio para os profissionais escolares. As equipas sociais são confrontadas com famílias em condições precárias de habitação, desemprego ou baixos rendimentos, dificuldades na comunicação e um total desconhecimento do funcionamento dos serviços em Portugal.

> As equipas sociais são confrontadas com famílias em condições precárias de habitação...

> ... atuação em princípios como justiça social, direitos humanos, responsabilidade coletiva e respeito pelas diversidades.

Com o intuito de promover a mudança, o desenvolvimento social, a coesão social, o empoderamento e a libertação das pessoas, o GISAAF (Gabinete de Intervenção Social de Apoio ao Aluno e Família) assenta a sua atuação em princípios como justiça social, direitos humanos, responsabilidade coletiva e respeito pelas diversidades. Suportado por teorias de trabalho social, ciências sociais, ciências humanas, a sua intervenção deve envolver pessoas e estruturas de toda a

comunidade, para enfrentar os desafios da vida e melhorar o bem-estar geral, em particular, das famílias mais vulneráveis.

No caso concreto do trabalho realizado com as famílias estrangeiras, o primeiro apoio começa logo no processo de matrícula e questões administrativas referentes ao funcionamento escolar: horários, regime de faltas, refeições, cartão escolar, material necessário, ou comunicação com escola (em particular o diretor de turma).

No que diz respeito às famílias mais vulneráveis, é imprescindível garantir as condições necessárias para o bem estar das crianças e jovens, nomeadamente, no que à alimentação diz respeito. Assim, respeitando a legislação em vigor, cada situação de carência social é analisada e, sempre que se comprove, é atribuído, internamente, o escalão social correspondente ao cálculo de rendimentos e/ou atribuído suplemento alimentar (lanche).

... cada situação de carência social é analisada e, sempre que se comprove, é atribuído, internamente, o escalão social ...

Esta intervenção não dispensa o encaminhamento para os serviços da Segurança Social, a fim de procurar regularizar a situação social de cada agregado familiar.

Quando se verifica uma carência social grave, as famílias são, igualmente, encaminhadas para as respostas sociais da

comunidade, nomeadamente, centros sociais, serviços de saúde, projetos de apoio à comunidade (resposta para o período das férias), junta de freguesia, entre outros.
Paralelamente, no âmbito de uma intervenção sistémica, procurando promover o desenvolvimento de competências interculturais na comunidade escolar, a equipa social, em articulação com a Coordenadora de Cidadania, promove ações de sensibilização para todas as turmas do Agrupamento.
Entidades que trabalham com população migrante na comunidade:

- AIMA (Agência para Integração Migrações e Asilo)
- Serviço de Mediação Municipal e Intercultural
- Centro Comunitário São Cirilo
- Associação Refugees Welcome Portugal
- JRS Portugal –Serviço Jesuíta aos Refugiados
- SEIVA – Associação ao Serviço da Vida
- Santa Casa da Misericórdia Porto
- Mescla CLDS (Fios e Desafios)
- Junta de Freguesia da Zona Histórica
- ACeS Porto Ocidental – unidades de saúde

Equipa Social da Escola:

- 1 Assistente social
- 1 Educadora Social
- 4 Psicólogas
- 1 Animador Sociocultural
- 2 Mediadores Culturais e Linguísticos

Marina Costa,
assistente social no
Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

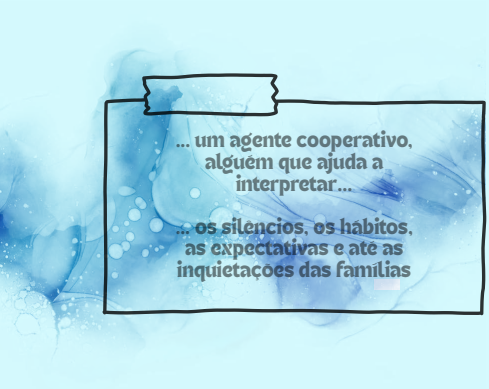
Ser Mediador Linguístico e Cultural

O mediador linguístico e cultural assume um papel fundamental no apoio à integração dos alunos e das suas famílias. O trabalho tem por base o estabelecimento de uma relação empática, procurando compreender não apenas a língua, mas também a realidade cultural de cada criança. É um profissional de proximidade e que tranquiliza os alunos que chegam cheios de dúvidas, receios e novas palavras por descobrir.

> É alguém que escuta com atenção e que transforma a escola num lugar onde cada um pode sentir que pertence...

É alguém que escuta com atenção e que transforma a escola num lugar onde cada um pode sentir que pertence, independentemente da língua que traz de casa.

> ... cada situação de carência social é analisada e, sempre que se comprove, é atribuído, internamente, o escalão social ...



A relação estabelecida com os alunos e docentes nasce de pequenos gestos diários: uma explicação paciente, um sorriso que tranquiliza, uma palavra traduzida que muda todo o significado de um momento aparentemente difícil de aprendizagem.
Os professores encontram no mediador um agente cooperativo, alguém que ajuda a interpretar não só a língua, mas também os silêncios, os hábitos, as expectativas e até as inquietações das famílias, criando assim pontes que facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto profissionais, as dificuldades sentidas passam frequentemente pela diversidade e consequente barreira linguística, conjugadas com as emoções intensas de quem chega a um país novo e a necessidade de acompanhar vários alunos ao mesmo tempo.
Todavia, os ganhos são muito significativos: ver um aluno comunicar pela primeira vez com confiança, sentirem-se compreendidos e incluídos; os pais encontram um ponto de apoio que facilita a

os ganhos são muito significativos: ver um aluno comunicar pela primeira vez com confiança

comunicação com a escola; e os docentes, neste Agrupamento, beneficiam de uma colaboração que lhes permite ajustar práticas e estratégias pedagógicas. No fundo, os frutos da mediação são ver uma turma ou uma escola inteira abrir espaço para acolher uma nova cultura.

A mediação linguística e cultural torna-se, assim, essencial para promover a igualdade de oportunidades, prevenir mal-entendidos e reforçar a participação das famílias na vida escolar. É criar pontes onde antes havia distância, é a aproximação das famílias e dos professores e é auxiliar cada criança a sentir-se valorizada e capaz de aprender.

É criar pontes onde antes havia distância, é a aproximação das famílias e dos professores...

São o abraço silencioso num momento de adaptação e um auxílio fundamental na construção do caminho para uma escola mais justa, humana e inclusiva.

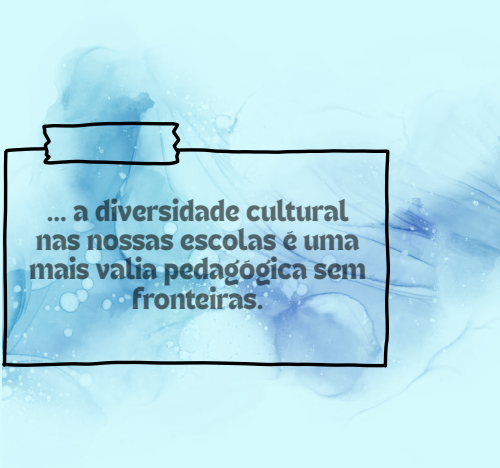
Sónia Azevedo,
mediadora linguística no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

São o abraço silencioso num momento de adaptação e um auxílio fundamental na construção do caminho para uma escola mais justa, humana e inclusiva.

AEIDH: Somos multiculturalidade

O nosso desafio não é de hoje, é passado, presente e futuro!

Sempre recebemos muitos/as alunos/as de países africanos de Língua Oficial Portuguesa e de outros países, tais como a Ucrânia! Aqui, eles/elas sentiram-se acolhidos/as e acarinhados/as e foram estes/as alunos/as que encaminharam outros/as alunos/as para o nosso AEIDH. A multiculturalidade foi de tal forma impactante no AEIDH que lentamente se tornou a nossa realidade, sendo com saudade que muitos/as destes/as alunos/as nos visitam frequentemente porque um dia lhes estendemos a mão e com igual saudade nós os/as recebemos. Hoje, sentimos o alargamento linguístico e cultural que veio enriquecer ainda mais a experiência de longa data de toda a comunidade escolar. No futuro, o multiculturalismo continuará certamente a ser uma força poderosa entre nós.



O AEIDH está mais preenchido com a presença de alunos/as estrangeiros/as que continuam a chegar, pelo que a diversidade cultural nas nossas escolas é uma mais valia pedagógica sem fronteiras.

O processo de integração é facilitado pela presença das mediadoras linguísticas, da assistente social, das psicólogas, dos/das diretores/as de turma, dos/as assistentes operacionais e da direção do agrupamento que polariza a dimensão multicultural pela sua importância na área da educação.
Cada vez que chega um/a novo/a aluno/a, a sua integração é acompanhada com sensibilidade cultural e visão inclusiva, uma multitarefa com sentido de missão, espírito de equipa, compromisso e liderança muito próxima construída em conjunto com os restantes membros da comunidade educativa. No acolhimento inicial junto dos serviços administrativos, onde o inglês quebra a barreira linguística, concretiza-se a matrícula dos alunos, apesar da dificuldade, de algumas famílias na obtenção dos documentos de origem.

... sensibilidade cultural e visão inclusiva (...) sentido de missão, espírito de equipa, compromisso e liderança muito próxima...

Oferecemos um guia de acolhimento, para facilitar a integração social e académica, os/as alunos/as frequentam a disciplina de PLNM e recorre-se a adaptações curriculares e recursos visuais, de modo a não penalizar o/a aluno/a. A presença de outros/as alunos/as estrangeiros/as já integrados/as, assim como a Associação de Estudantes também ela constituída por

alguns/algumas alunos/as provenientes de várias nacionalidades e de outros/as alunos/as com percursos mais longos no agrupamento, são igualmente uma entreajuda valiosa. Promovemos eventos interculturais, desportivos e sociais que proporcionam partilhas coletivas, envolvendo as famílias, de modo a que sintam que a escola é um lugar seguro, ou seja, contribuímos para a estabilidade emocional do/a aluno/a e respetivas famílias, estando atentos/as a situações complexas e traumáticas dos seus percursos até chegarem a nós.

Todo este processo de integração com múltiplas dimensões é acompanhado diariamente por todos, sob um olhar atento, com empatia, com um sorriso, com uma palavra, (por vezes apenas com um “bom dia”, uma “boa tarde”), em que todos se cumprimentam, somos uma FAMÍLIA!

A Direção do AEIDH proporciona o bem-estar, estando sempre algum/a dos/as seus elementos disponível para ouvir e ajudar. Aliás, toda a comunidade educativa colabora na construção colaborativa deste bem-estar.

Diversificamos e aprendemos todos! Temos um clima de escola saudável!

Trabalhar com responsabilidade, dedicação e sentido de missão, sempre com os/as alunos/as no centro da nossa atenção!

Isabel Sá Costa,
diretora do Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique